Preservação da Sunnah por Deus

حفظ الله للسنة

[português - portuguese – برتغالي]

www.islamreligion.com website

موقع دين الإسلام

2013 - 1434

IslamHouse.com



Introdução: A Sunnah e Seu Lugar no Islã

A Sunnah se refere às ações, afirmações e modo de vida do Profeta Muhammad, que a misericórdia e bênçãos de Deus estejam sobre ele. É um aspecto essencial de todo o sistema do Islã. O próprio Deus no Alcorão ordenou aos muçulmanos que tomassem o Profeta como seu modelo e que ouvissem e obedecessem às suas palavras. A Sunnah é a expressão prática normativa final do Islã. Também é a explicação definitiva do Alcorão. Sem ela não pode haver entendimento verdadeiro de como implementar o Islã. [1]

A Sunnah do Profeta foi preservada no que é conhecido como literatura de hadith. A questão da preservação da Sunnah e dos hadiths é de fato um tema referente à preservação e pureza da religião do Islã. Essa questão se torna ainda mais importante devido ao fato de que, infelizmente, muitos têm uma concepção falsa de como os hadiths foram preservados e, consequentemente,

---

1 Esse autor discutiu detalhadamente a posição e papel da Sunnah no Islã em The Authority and Importance of the Sunnah (A Autoridade e Importância da Sunnah) (Denver, CO: Al-Basheer Company, 2000).

não possuem confiança plena na autenticidade dos hadiths do Profeta.

Alguns dos Meios Através dos quais Deus Preservou a Sunnah

Deus, através dos humanos, usou muitos meios através dos quais Ele preservou a Sunnah. Alguns desses aspectos são exclusivos para a nação muçulmana. O mais importante é que esses meios de preservação foram seguidos desde o início, sem qualquer intervalo disponível para o material original e ditos serem perdidos.

Alguns dos fatores e meios que contribuíram para a preservação da Sunnah incluem os seguintes:

O Entendimento dos Companheiros de Suas Pesadas Responsabilidades

Está claro no Alcorão que as primeiras pessoas tinha distorcido, alterado e de maneira geral falhado em preservar de forma constante a mensagem que receberam. [2] Os companheiros do Profeta entenderam que o Profeta Muhammad era o mensageiro final para a humanidade e que a tarefa de preservar seus ensinamentos recairia sobre seus ombros. Ficou ao encargo deles assegurar que o que aconteceu aos ensinamentos dos profetas anteriores não aconteceria com a mensagem do Profeta Muhammad. Além disso, o próprio Profeta cunhou neles a responsabilidade de receberem do Profeta e transmitirem a outros. Por exemplo, o Profeta lhes disse, na frente de uma multidão na época da peregrinação:

"Que os presentes informem aos ausentes. Talvez o que está presente possa transmiti-la a alguém que a entenda melhor do que ele." (*Saheeh Al-Bukhari, Saheeh Muslim*)

---

2 O próprio Alcorão se refere à distorção dos primeiros livros pelos povos anteriores e também as tentativas de ocultar parte da revelação. Ver, por exemplo, Alcorão 5:14-15 e 4:46.

Essa instrução do Profeta pode ser vista em várias de suas declarações, algumas das quais foram narradas por diversos companheiros. Por exemplo, o Profeta disse:

"Que Deus torne radiante o homem que ouviu o que disse e preservou em sua memória até transmitir para outro. Talvez aquele para quem transmitiu tenha melhor entendimento que ele." [3]

O Profeta também os avisou de forma muito firme sobre transmitir algo que não fosse correto. Usando a palavra árabe *kadhab*, que no dialeto do Profeta não significava "mentir", mas transmitir algo que não está correto, o Profeta afirmou:

"Transmita de mim, mesmo que seja apenas um versículo. E narre [histórias] das tribos de Israel e não há mal nisso. E quem quer que falsamente atribua algo de minha autoridade deve ter seu próprio assento no Inferno." (*Saheeh Al-Bukhari*)

Parece que o Profeta reforçou esse aviso em várias ocasiões, uma vez que essas palavras foram registradas como vindas do Profeta por mais de cinquenta companheiros. [4]

Sendo assim, os companheiros perceberam que tinham que ser muito cuidadosos em suas narrativas. Compreenderam que o aviso acima se referia a quem falsamente atribuísse algo ao Profeta de forma intencional e também não intencional. Em um relato registrado em *Sahih al-Bukhari*, o companheiro al-Zubair foi questionado porque não narrou tantos hadiths quanto outros relataram. Ele respondeu: 'Nunca me separei dele [ou seja, o Profeta]. Entretanto, o ouvi dizer': **"Quem quer que falsamente atribua algo de minha autoridade deve ter seu próprio assento**

---

3 Ver Abdul Muhsin al-Abbaad, Diraasat Hadeeth Nadhara Godu imraan Sama Muqaalati...: Riwaayah wa Diraayah (nenhuma informação de publicação fornecida), passim.

4 Cf., Sulaimaan al-Tabaraani, Turuq Hadeeth Man Kadhaba Alayya Mutamadan (Beirute: al-Maktab al-Islaami, 1990), passim.

no Inferno." Comentando sobre essa afirmação, ibn Hajar[5] destacou que al-Zubair obviamente não estava falando a respeito de forjar algo em nome do Profeta. Ao contrário, ele temia que se narrasse muito, poderia cometer erros. E esses erros o colocariam sob as condições do aviso mencionado naquele hadith. [6]

Anas ibn Maalik também disse: 'Se não temesse cometer um erro, narraria a vocês algumas das coisas que ouvi do Mensageiro de Deus. Entretanto, o ouvi dizer': **"Quem quer que falsamente atribua algo de minha autoridade deve ter seu próprio assento no Inferno."** [7] Isso, mais uma vez, implica que Anas, um companheiro, entendeu que a ameaça feita naquele hadith também se aplicava a quem cometesse erros não intencionais na narração de hadiths.

Na realidade, alguns dos companheiros, como Abu Hurairah, continuaram a estudar e memorizar os hadiths que aprenderam do Profeta. Consequentemente, não havia muito a temer com respeito a cometimento de erros. Por outro lado, os que não eram dedicados a esse estudo tinham mais a temer porque suas memórias podiam falhar quando narrassem do Mensageiro de Deus.

---

5 Um dos comentadores mais destacados de Saheeh Al-Bukhari – IslamReligion.com

6 Ahmad ibn Hajar, Fath al-Baari Sharh Saheeh al-Bukhaari (Meca: Maktabah Daar al-Baaz, 1989), vol. 1, p. 201.

7 Essa narração foi registrada por al-Daarimi. De acordo com Abdul Rahmaan al-Birr, sua cadeia é sahih. Cf., Abdul Rahmaan al-Birr, Manaahij wa Adaab al-Sahaabah fi al-Taallum wa al-Taleem (Al-Mansoorah, Egito: Daar al-Yaqeen, 1999), p. 183.



Antes de discutir esse tópico, devemos notar que, para que algo seja preservado não é uma condição necessária que seja registrado ou escrito. Simplesmente porque algo não foi escrito, não significa que não tenha sido preservado de forma precisa e correta. Além disso, o registro escrito de algo por si só não é suficiente para a sua preservação. É possível que seja registrado de maneira incorreta. Mas ambos os pontos foram devidamente notados por estudiosos de hadiths. Não exigiram que o hadith fosse registrado por escrito para ser aceito, embora com certeza reconhecessem a importância de registro físico e muitas vezes, dependendo da pessoa envolvida, preferissem o registro por escrito sobre o registro oral. Esses estudiosos também perceberam que o mero registro de algo não é suficiente. Também deve ser apurado se foi registrado adequadamente. Sendo assim, estudiosos de hadiths aceitavam ou preferiam registros escritos de estudiosos sobre registros memorizados somente se fosse sabido que esses estudiosos fossem proficientes e corretos em seus escritos.

Foi uma das práticas favoritas de muitos dos orientalistas afirmarem constantemente o "fato" de que os hadiths não foram

registrados inicialmente, mas foram, ao invés disso, passados adiante apenas de forma oral pelos primeiros dois séculos após a Hégira (calendário árabe). Consequentemente, os hadiths não passavam de folclore e lenda que foi passada adiante oralmente e de uma forma aleatória por muitos anos. Infelizmente, esse equívoco se tornou bastante propagado entre muitos que se satisfizeram com uma simples pesquisa superficial do assunto. Na realidade, essa alegação falsa e visão incorreta tem, pela graça de Deus, sido refutada por vários estudiosos muçulmanos em várias dissertações de doutorado no mundo muçulmano e também em universidades ocidentais, como as dissertações de Muhammad Mustafa Azami (1967), publicada como *Studies in Early Hadeeth* (Estudos dos Primeiros Hadiths), e *The Significance of Sunna and Hadeeth and their Early Documentation* (O Significado da Sunnah e Hadiths e Sua Documentação Inicial) de Imitiyaz Ahmad em Edinburgo, em 1974.

O registro dos hadiths do Profeta, que a misericórdia e bênçãos de Deus estejam sobre ele, começaram durante a vida do Profeta. Al-Baghdaadi registra vários hadiths que mostram que o Profeta explicitamente permitiu o registro de seus hadiths. Aqui estão alguns exemplos:

1. Al-Daarimi e Abu Dawood em seus *Sunans* (livros) registraram que Abdullah ibn Amr ibn al-As afirmou que costumavam registrar tudo que ouviam do Profeta. Eram recriminados por fazê-lo porque, argumentavam, o Profeta era um ser humano que podia estar zangado às vezes e satisfeito outras vezes. Abdullah parou de escrever seus hadiths até que pode perguntar ao Profeta sobre essa questão. O Mensageiro de Deus lhe disse:

“Escreva [meus hadiths], por Aquele em Cujas mãos está minha alma, nada sai [da boca do Profeta] exceto a verdade.” [8]

Ou seja, se ele estava zangado ou satisfeito o que falava era sempre a verdade.

2. Al-Bukhari, em seu *Sahih* (livro), registrou que Abu Hurairah disse: “Não é possível encontrar nenhum dos companheiros do Mensageiro de Deus que relate mais hadiths do que eu, exceto Abdullah ibn Amr, porque ele costumava registrar os hadiths e eu não.” [9]

3. Al-Bukhari registrou que uma pessoa do Iêmen veio ao Profeta no dia da conquista de Meca e perguntou a ele se podia registrar o que o Profeta dizia e o Profeta aprovou e disse a alguém:

“Escreva isso para o pai de fulano e fulano.”

4. Anas narrou a afirmação: “Assegure o conhecimento pela escrita.” Esse hadith foi relatado por várias autoridades, mas a maioria tem cadeias fracas. Existe uma disputa se é ou não uma afirmação do Profeta ou de algum companheiro. Entretanto, de acordo com al-Albani, o hadith, como registrado por al-Haakim e outros, é autêntico. [10]

Não existe dúvida, entretanto, de que o registro do hadith começou durante a vida do Mensageiro de Deus. Essa prática de escrever os hadiths continuou após a morte do Mensageiro de Deus. Al-Azami, em seu trabalho *Studies in Early Hadeeth Literature* (Estudos dos Primeiros Hadiths), listou e discutiu

---

8 De acordo com al-Albaani, esse hadith é sahih. Ver Muhammad Naasir al-Deen al-Albaani, Saheeh Sunan Abi Dawood (Riad: Maktab al-Tarbiyyah al-Arabi li-Duwal al-Khaleej, 1989), vol. 2, p. 695.

9 Ibn Hajar, comentando sobre esse hadith, explicou como Abu Hurairah pode ter narrado muito mais hadiths que Abdullah ibn Amr. Ver ibn Hajar, Fath, vol. 1, pp. 206-8. Um aspecto que deixou de mencionar foi a morte de Abu Hurairah dezesseis anos depois de Abdullah ibn Amr.

10 Al-Albani, Saheeh al-Jaami al-Sagheer, vol. 2, p. 816.

cinquenta companheiros do Profeta que registraram hadiths. [11] Note o seguinte:

Abdullah B. Abbas (3 B.H.-68 A.H.)… Era tão ávido por conhecimento que perguntava a 30 companheiros sobre um único incidente… Parece que escreveu o que ouviu e algumas vezes até usou seus servos com esse propósito... O que se segue derivou de um hadith vindo dele em forma escrita: Ali b. Abdullah ibn Abbas, Amr b. Dinar, Al-Hakam b. Miqsam, Ibn Abu Mulaikah, Ikrimah… Kuraib, Mujahid, Najdah… Said b. Jubair. [12]

Abdullah B. Umar B. al-Khattab (10 A.H.-74 D.H.). Transmitiu um grande número de hadiths e era tão estrito ao registra-los que não permitia que a ordem de uma palavra fosse alterada mesmo que não alterasse o significado... Tinha livros. Um *Kitab* [livro] que pertencia a Umar e que estava em sua posse, foi lido para ele por Nafi várias vezes... O que se segue derivou um hadith vindo dele na forma escrita: Jamil b. Zaid al-Tai… Nafi cliente de ibn Umar, Said b. Jubair, Abd al-Aziz b. Marwan, Abd al-Malik b. Marwan, Ubaidullah b. Umar, Umar b. Ubaidullah … [13]

Al-Azami também compilou uma lista, discutindo cada personalidade individualmente, de quarenta e nove pessoas dos "sucessores do primeiro século" que registraram hadiths. [14] Al-Azami prossegue listando oitenta e sete dos "estudiosos cobrindo a última parte do primeiro século e o início do segundo" que registraram hadiths. [15] Então lista 251 pessoas dos "estudiosos a partir do início do segundo século" que coletaram e registraram

11 Muhammad Mustafa al-Azami, Studies in Early Hadeeth Literature (Estudos dos Primeiros Hadiths) (Indianápolis, IN: American Trust Publications, 1978), pp. 34-60.
12 Azami, Studies in Early Hadeeth(Estudos dos Primeiros Hadiths), pp. 40-42. No trabalho de Azami, "b." quer dizer ibn ou "filho de."
13 Azami, Studies in Early Hadeeth (Estudos dos Primeiros Hadiths), pp. 45-46.
14 Azami, Early Hadeeth (Estudos dos Primeiros Hadiths), pp. 60-74.
15 Ibid., pp. 74-106.

hadiths. [16] Dessa forma, al-Azami produziu uma lista de 437 estudiosos que registraram hadiths e todos viveram e morreram antes do ano 250 da Hégira. Muitos deles são de antes do tempo de Umar ibn Abdul Aziz, que equivocadamente recebeu o crédito de ter sido a primeira pessoa a solicitar a coleta de hadiths. A história de Umar ibn Abdul Aziz foi de fato mal compreendida e não significa que ninguém coletou hadiths antes dele. [17]

Citando al-Azami: "Pesquisas recentes provaram que quase todos os hadiths do Profeta foram [*sic*] escritos durante a vida dos companheiros, que se estendeu até o fim do primeiro século." [18] Essa última afirmação é parcialmente baseada na pesquisa do próprio al-Azami na qual ele mencionou muitos companheiros e seguidores que possuíam hadiths escritos. Em outra parte ele próprio escreve:

Estabeleci em minha tese de doutorado *Studies in Early Hadeeth Literature* (Estudos dos Primeiros Hadiths) que mesmo no primeiro século da Hégira muitas centenas de livretos de hadiths estavam em circulação. Se acrescentarmos mais cem anos, seria difícil enumerar a quantidade de livretos e livros que estavam em circulação. Mesmo pelas estimativas mais conservadoras eram muitos milhares. [19]

---

16 Ibid., pp. 106-182.

17 A história, como registrada por al-Bukhari, é que Umar (61-101) escreveu para Abu Bakr ibn Muhammad (d. 100) dizendo: "Procure o conhecimento dos hadiths e registre por escrito, pois temo que o conhecimento religioso desapareça e que os sábios religiosos morrerão. Não aceite nada exceto os hadiths do Profeta." Ele também enviou cartas para Saad ibn Ibraaheem e al-Zuhri pedindo a eles que fizessem o mesmo. Foi incorretamente afirmado por alguns, por exemplo, M. Z. Siddiqi, que foi um pedido de Umar que levou ao começo das coleções de hadiths.

18 Al-Azami, Methodology (Metodologia), p. 30.

19 Ibid., p. 64.

Outra ferramenta importante usada na preservação dos hadiths foi o sistema de *Isnad* que foi desenvolvido exclusivamente pela nação muçulmana. O sistema de *Isnad* é onde se afirma as fontes de informação, rastreando aquela narrativa até o Profeta, que a misericórdia e bênçãos de Deus estejam sobre ele e que Deus o abençoe.

A importância do *Isnad* foi eloquentemente afirmada por Abdullah ibn al-Mubaarak que disse: "O *Isnad* é parte da religião. Se não fosse pelo *Isnad* qualquer um poderia dizer o que quisesse." [20] De fato, o *Isnad* tem sido essencial na separação do hadith autêntico do fraco e na identificação de hadiths fabricados. Mesmo hoje, ninguém ousa narrar um hadith sem que possivelmente lhe peçam que forneça a fonte daquele hadith. Ibn al-Mubaarak continuou e disse: "Se perguntar a uma pessoa onde conseguiu o hadith ele será forçado a ficar em silêncio." O *Isnad* atuou e atua como um tipo de garantia ou salvaguarda para a autenticidade do hadith. Os primeiros estudiosos de hadith nem consideravam um hadith se não tivesse um *Isnad* conhecido.

Com relação à importância do *Isnad*, Sufyaan al-Thauri (d. 161) disse: "O *Isnad* é a espada do crente. Sem sua espada, com o que lutará?" Pelo uso do *Isnad* os estudiosos muçulmanos foram capazes de erradicar (ou "combater") as inovações que algumas pessoas tentaram introduzir no Islã. Foi relatado que Muhammad ibn Seereen (d. 110), Anas ibn Seereen, Al-Dhahaak e Uqba ibn Naafi disseram: "Esse conhecimento [do hadith] é a religião. Consequentemente, veja de quem está recebendo sua religião." [21] Uma vez que a Sunnah forma uma parte essencial do Islã, aceitar hadith de certa pessoa é semelhante a aceitar a religião dela. Assim, deve-se ter cuidado em somente aceitar a religião de

---

20 Citado por Imam Muslim na introdução a seu Sahih no capítulo intitulado "Expounding on the point that the Isnad is part of the religion" (Exposição sobre o ponto que o Isnad é parte da religião)

21 Citado em Umar ibn Hasan Uthmaan al-Fullaatah, al-Widha fi al-Hadeeth (Damasco: Maktabah al-Ghazzaali, 1981), vol. 2, p. 10.

pessoas que são confiáveis e que podem traçar o que foi dito até o Profeta e isso só pode ser feito através do uso do *Isnad*.

Esse sistema foi uma salvaguarda mais importante que o sistema atual de publicação e direitos autorais. Hamidullah escreveu:

"Estudiosos modernos citam, em palavras eruditas, as fontes de declarações importantes referentes a fatos. Mas mesmo nos trabalhos mais cuidadosamente documentados, existem dois obstáculos:

(a) No caso de trabalhos publicados, existe pouca ou nenhuma possibilidade de verificar se existem quaisquer erros de impressão ou outras imprecisões – isso não aconteceria se alguém dependesse de um trabalho somente após ouvi-lo do próprio autor, ou obter uma cópia certificada pelo autor ou ainda - no caso de trabalhos antigos – por aqueles que tiveram a oportunidade de ouvi-lo do autor ou seu transmissor autorizado.

(b) Hoje em dia é suficiente a fonte imediata, sem muita preocupação em traçar as fontes anteriores daquela fonte e reuni-las em série até a testemunha ocular do evento. Nos trabalhos de hadith o caso foi diferente..." [22]

Em resumo, pode-se afirmar que o *Isnad* é um componente essencial de cada hadith, já que sem ele não há meios de verificar a autenticidade da narração. Abdullah ibn al-Mubaarak certamente falou a verdade quando disse que sem o *Isnad* qualquer um é livre para dizer o que quiser e alegar que é parte da religião do Islã. [23] A

---

22 Muhammad Hamidullah, Sahifah Hammam ibn Munabbih (Paris: Centre Culturel Islamique, 1979), p. 83.

23 Somos lembrados do caso de Paulo e das origens de muitas das crenças cristãs. Paulo, claro, nunca encontrou Jesus (que a paz esteja sobre ele). Ele não podia rastrear seus ensinamentos até Jesus (que a paz esteja sobre ele) e, de fato, ele encontrou oposição de muitos dos próprios companheiros de Jesus que sabiam o que Jesus tinha dito. Infelizmente, a autenticidade histórica e rastreamento de afirmações até seu mestre original, Jesus, é algo que não se desenvolveu

importância do *Isnad* é, de fato, muito óbvia e poucos questionaram essa importância. Mais importante, portanto, é uma discussão de quando o *Isnad* começou a ser usado porque se fosse um longo tempo após a morte do Profeta seria, de fato, inútil.

Em sua dissertação de PhD, Umar Fullaatah discutiu a história do *Isnad* detalhadamente. Devido às limitações de espaço, não é possível apresentar sua discussão em detalhes. Entretanto, ele chegou às seguintes importantes conclusões:

Com referência a quando o *Isnad* foi usado pela primeira vez com respeito à transmissão de hadith, ele afirma que, por padrão, os companheiros costumavam usar *Isnads*, mas como usualmente não havia intermediários entre eles e o Mensageiro de Deus não era óbvio que estavam relatando através do *Isnad*. Os companheiros narravam o hadith de uma maneira que deixava claro se o ouviram ou não diretamente do Profeta. Fullaatah afirma que a vasta maioria dos hadiths dos companheiros foi ouvida diretamente do Mensageiro de Deus. Sendo assim, o *Isnad* foi usado pela primeira vez durante a época dos companheiros, embora, possa-se dizer que dificilmente isso fosse notado.

Com relação a quando os narradores foram forçados pelos ouvintes a mencionar seus *Isnads*, Fullaatah afirma que Abu Bakr, o primeiro califa que morreu apenas dois anos após o Profeta, foi o primeiro a fazer o narrador provar a autenticidade de sua narração, uma vez que às vezes ele não aceitava um hadith a menos que a pessoa apresentasse uma testemunha para aquele hadith. Umar também seguia o mesmo padrão. Ao fazê-lo deixavam claro se a pessoa ouviu o hadith diretamente do Mensageiro de Deus ou através de alguma fonte intermediário. Seus objetivos eram confirmar a exatidão da narração embora estivessem, ao mesmo tempo, inadvertidamente fazendo o narrador afirmar o Isnad para

---

verdadeiramente no pensamento cristão. Assim, sua religião se tornou muito distorcida e distante dos verdadeiros ensinamentos de Jesus (que a paz esteja sobre ele).

seu hadith. Assim, foi durante a época deles (logo após a morte do Profeta) que os narradores foram forçados pela primeira vez a declarar seus *Isnads*. Ali, o quarto califa e o califa durante a *fitnah (aflição)*, às vezes fazia a pessoa jurar que tinha ouvido o hadith diretamente do Profeta. Obviamente, então, após a *fitnah,* o mesmo processo de exigir que o narrador declarasse suas fontes continuou. [24]Com relação a quando o próprio narrador começou a insistir em mencionar o *Isnad* de cada hadith, Fullaatah afirma que a necessidade para o *Isnad* realmente se tornou aparente após narradores fracos e pessoas imorais começarem a relatar hadiths. Durante essa época o próprio narrador se assegurava de mencionar o *Isnad* do hadith que narrava. Al-Amash costumava narrar hadiths e então dizer: "Aqui está a parte mais importante do assunto" e então mencionava o *Isnad*. Al-Waleed ibn Muslim de al-Shaam afirmou: "Um dia al-Zuhri disse: 'O que há de errado [com vocês] que os vejo narrando hadiths sem a parte crítica ou importante? ' Depois daquele dia, nossos companheiros [ou seja, as pessoas de al-Sham (Arábia do Norte)] passaram a se assegurar de mencionar o *Isnad*." [25] Os estudiosos culpavam seus alunos por ouvirem hadiths de professores que não mencionavam o hadith sem o *Isnad*. [26] De fato, rejeitavam qualquer hadith que não tivesse um *Isnad*. Bahz ibn Asad disse: "Não aceitem um hadith de alguém que não diz 'ele nos narrou... ', ou seja, sem um *Isnad*." Os muçulmanos começaram até a insistir no uso do *Isnad* para pessoas de disciplinas além do hadith, por exemplo, história, *tafsir* (explicação do Alcorão), poesia e assim por diante.

Assim, depois de discutir a questão em detalhes, Fullaatah pode concluir de forma segura o seguinte:

1. O *Isnad* foi usado pela primeira vez durante a época dos companheiros.

---

24 Fullaatah, vol. 2, pp. 20-22.
25 Citado por Fullaatah, vol. 2, p. 28.
26 Ibid., vol. 2, pp. 28-29. Ver as histórias de al-Zuhri, Abdullah ibn al-Mubaarak e Sufyaan al-Thauri naquelas páginas.

2. Abu Bakr foi o primeiro a forçar os narradores a mencionarem a fonte de seus hadiths.

3. O próprio narrador insistia na menção do *Isnad* de cada hadith em consequência de (1) e (2) mencionados acima. [27]

Em conclusão, nunca houve qualquer época em que as narrações de hadith foram completamente isentas de menção do *Isnad*. Durante a época dos companheiros o uso do Isnad não era tão óbvio já que (usualmente) não havia nenhum narrador intermediário entre a pessoa mencionando o hadith e o Profeta. (O período dos companheiros terminou "oficialmente" em 110 da Hégira com a morte do último companheiro). Abu Bakr e Umar eram escrupulosos na checagem da autenticidade do hadith. Estudiosos posteriores como al-Shabi e al-Zuhri fizeram os muçulmanos perceberem a importância de mencionar o *Isnad* com o hadith. Isso foi manifestado especialmente após confrontos importantes (como a morte de Uthman) que fizeram as pessoas perceberem que as narrações de hadith eram sua religião e, consequentemente, deviam investigar cuidadosamente de quem estavam recebendo sua religião. Depois dos primeiros anos, o *Isnad* e seu uso adequado se tornou padrão e seu conhecimento se tornou um ramo independente de hadith. Isso continuou até que as principais coletâneas de hadith foram compiladas no terceiro século. [28]

Na realidade, Deus abençoou a nação de Muhammad com uma forma única de preservar seus ensinamentos originais: o *Isnad*. Muhammad ibn Haatim ibn al-Mudhaffar escreveu:

---

27 Fullaatah, vol. 2, p. 30.

28 De fato, a tradição de relatar hadiths por seus Isnads continuou até o século quinto. Depois daquela época os livros eram passados adiante majoritariamente através de ijaaza (permissão dada a outros para narrar os livros ou hadith de alguém), embora ainda existam alguns estudiosos hoje que podem narrar hadith com uma cadeia completa a partir de si próprios até o Profeta. Cf., Khaldoon al-Ahdab, Asbaab Ikhtilaaf al-Muhadeetheen (Jedá: al-Dar al-Saudiya, 1985), vol. 2, p. 707.

“Verdadeiramente Deus honrou e distinguiu essa nação e a elevou acima das outras pelo uso do *Isnad*. Nenhuma das nações anteriores ou atuais têm *Isnads* intactos. Elas estão em posse de páginas [antigas], mas seus livros foram misturados com seus relatos históricos e elas não são capazes de distinguir entre o que foi originalmente revelado, como o Torá e o Evangelho, e o que foi acrescentado depois de relatos que foram tomados de narradores não confiáveis [ou, mais provavelmente, desconhecidos]. [29]

---

29 Citado em Abdul Wahaab Abdul Lateef, Al-Mukhtasar fi Ilm Rijaal al-Athar (Dar al-Kutub al-Hadeethiya, sem data), p. 18.



Outro aspecto importante na preservação dos hadiths foi o desenvolvimento precoce de criticismo de hadiths e avaliação de narradores. Mesmo durante a vida do Mensageiro de Deus, os Companheiros com frequência iam a ele para confirmar alguns relatos que tinham ouvido sobre sua autoridade. O professor Azami, se referindo aos exemplos nas coletâneas de hadiths de Ahmad, al- Bukhari, Muslim e al-Nasaai escreve:

"Se criticismo for o esforço para distinguir entre o que é certo e o que é errado, então podemos dizer que isso começou na vida do Profeta. Mas nesse estágio não era mais do que ir ao Profeta e verificar algo que disseram que ele disse...

... Encontramos que esse tipo de investigação de verificação foi realizada [*sic*] por Ali, Ubai ibn Kaab, Abdullah ibn Amr, Umar, Zainab esposa de ibn Masud e outros. Á luz desses eventos, pode ser dito que a investigação dos hadiths ou, em outras palavras,

criticismo dos hadiths começou de forma rudimentar durante a vida do Profeta.” [30]

Obviamente essa prática de confirmar relatos diretamente com o Mensageiro de Deus tinha que cessar com a morte do Profeta, que a misericórdia e bênçãos de Deus estejam sobre ele. Na época dos Companheiros, liderados por notáveis como Abu Bakr, Umar, Ali, ibn Umar e outros, costumavam confirmar os hadiths uns com os outros. Umar, por exemplo, era estrito na salvaguarda da disseminação adequada de hadiths. Em *Sahih Muslim* pode-se encontrar o exemplo de Abu Moosa al-Ashari. Umar ameaçou puni-lo se ele não apresentasse testemunha para um hadith que tinha narrado para Umar. Comentando sobre esse hadith, Abdul Hamid Siddiqi afirmou que Umar não duvidava de Abu Moosa, mas apenas queria manter uma rígida supervisão sobre a transmissão de hadiths. [31]

Muitos exemplos como esse podem ser fornecidos. Abu Hurairah, Aisha, Umar e ibn Umar verificavam hadiths. Às vezes verificavam o hadiths por “referência cruzada” (como Umar e Abu Moosa acima) e outras vezes faziam o que podia ser chamado de verificação cronológica. O Imame Muslim registra que Aisha ouviu certo hadith narrado de Abdullah ibn Amr. Um ano depois ela fez seu servo ir até Abdullah ibn Amr para ouvir o hadith dele novamente para se assegurar de que ele tinha narrado exatamente como tinha ouvido do Profeta e que ele não tinha cometido erros ou feito adições em sua narração. [32]

Essa investigação de narradores levou ao desenvolvimento da ciência mais fascinante e única de *al-jarh wa al-tadeel*, na qual as vidas e qualidades acadêmicas e morais de literalmente milhares

30 Mustafa Muhammad Azami, Studies in Hadeeth Methodology and Literature (Estudos em Metodologia e Literatura de Hadiths) (Indianápolis, IN: American Trust Publications, 1977), p. 48.
31 Abdul Hamid Siddiqui, tradução e comentários, Sahih Muslim (Lahore, Paquistão: Sh. Muhammad Ashraf, 1972), vol. 3, pp. 1175-6.
32 Ibid., vol. 4, p. 1405.

de narradores são discutidas em detalhes. Cada narrador deve atender qualificações morais e acadêmicas para seu hadith ser aceito. Um, sem o outro, simplesmente não é suficiente. Um indivíduo pode ter uma grande memória ou ser capaz de registrar material de forma muito precisa, mas se não for considerado uma pessoa completamente honesta e confiável, suas narrações de hadith, a informação mais importante que um indivíduo pode passar adiante, não serão aceitas. Da mesma forma, uma pessoa pode ser muito piedosa e honesta, mas se não possui as qualidades literárias ou acadêmicas para ser capaz de passar adiante informação de forma precisa e correta, suas narrações também não podem ser confiáveis.

Assim, os estudiosos desenvolveram muitos meios para testar a proficiência e precisão dos narradores de hadiths. Azami afirma que existiam quatro formas básicas para verificar a proficiência de um narrador. Ele deu exemplos de cada tipo. [33] As quatro são:

(1) Comparação entre o hadith de estudantes diferentes do mesmo estudioso. Um exemplo é o de Yahya ibn Maeen que leu os livros de Hammad ibn Salama para dezessete estudantes de Hammad. Ele disse que fazia isso porque seria capaz de identificar os erros que Hammad fez (ao compará-los com o que outros estudiosos tinham narrado) e os erros que cada estudante individual fez (ao compará-los com os outros estudantes de Hammad).

(2) Comparação entre afirmações de um único estudioso em épocas diferentes. Foi feita menção antes ao hadith de Aisha, em que ela mandou perguntar a Abdullah ibn Amr ibn al-As sobre um hadith que ele tinha narrado um ano antes. Quando ela constatou que ele não havia feito qualquer alteração no hadith, soube que ele o tinha memorizado exatamente como o ouviu do Profeta.

33 Azami, Methodology (Metodologia), pp. 52-58.

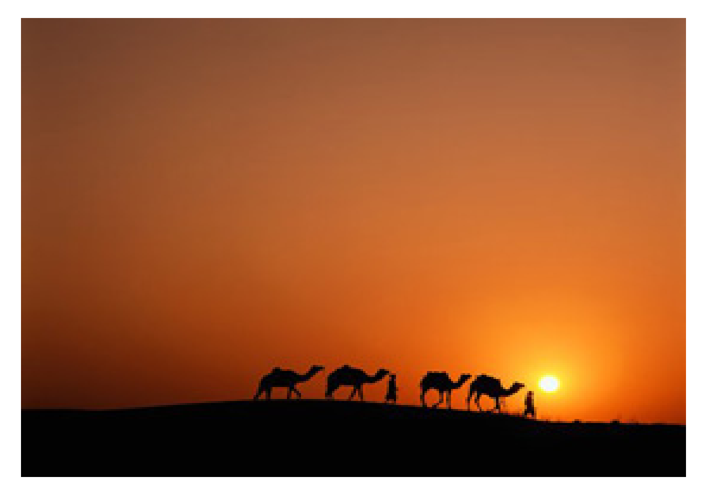
(3) Comparação entre recitação oral e documentos escritos. Azami deu o seguinte exemplo:

Abdur Rahman b. Umar transmitiu um hadith através de Abu Huraira relacionado à oração de Dhuhr [oração do meio-dia], que pode ser retardada no verão [*sic*] a partir de seu horário mais cedo. Abu Zurah disse que estava incorreto. Esse hadith foi transmitido sobre a autoridade de Abu Said. Abdur Rahman b. Umar levou isso muito a sério e não esqueceu. Quando voltou para sua cidade, verificou em seu livro e descobriu que estava errado. Então escreveu para Abu Zurah reconhecendo seu erro e pedindo a ele para informar aquela e aquela pessoa e outras pessoas que tinham perguntado sobre isso de seus alunos e informar-lhes sobre seu erro e disse que Deus o recompensaria, porque a vergonha é muito melhor que o inferno. [34]

(4) Comparação entre hadith e o texto do Alcorão. Essa prática começou com os Companheiros. O Alcorão era o primeiro teste que o hadith tinha que passar. Os Companheiros não aceitavam qualquer hadith que contradissesse o Alcorão; ao invés disso, concluíam que o Companheiro devia estar errado ou tinha entendido mal o que o Profeta tinha narrado. Sabiam que o Alcorão e a Sunnah eram essencialmente uma revelação e não era possível que uma contradissesse a outra.

Azami menciona apenas os quatro métodos acima de verificação de proficiência de um narrador, mas havia outros. Os que se seguem eram muito comuns: comparar o que um narrador relatou com o que outros narraram (ou seja, não alunos de um mesmo professor), comparar uma Sunnah com outra e comparar o texto do hadith com eventos históricos bem conhecidos.

34 Azami, Methodology (Metodologia), p. 56.



Outro fenômeno único que surgiu e auxiliou na preservação da Sunnah foi a viagem em busca de hadiths, para verificar as fontes e reunir mais hadiths. Entre todas as diferentes comunidades religiosas do mundo apenas a nação islâmica foi abençoada com duas características particulares que a salvou de perder seus ensinamentos originais e puros. Essas duas características únicas são o uso do *Isnad*, que já foi discutido, e as viagens empreendidas na busca de hadiths, que serão discutidas agora. O grande desejo de conhecimento religioso entre os muçulmanos levou indivíduos a viajarem, por conta própria, por meses simplesmente para coletar ou confirmar apenas um dito do Profeta, que a misericórdia e as bênçãos de Deus estejam sobre ele. Foi essa devoção aos hadiths e disposição para sacrificar qualquer aspecto dessa vida mundana que ajudou muito na preservação completa dos hadiths do Profeta. M. Zubayr Siddiqi escreveu:

Todas essas várias gerações de "tradicionistas" exibiram atividade maravilhosa em busca de hadiths. Seu amor pelo assunto foi profundo. Seu entusiasmo não conhecia restrições. Sua

capacidade de sofrer por isso não tinha limite. O rico entre eles sacrificava riquezas e o pobre entre eles devotava sua vida a isso apesar de sua pobreza[35]

Por que esse desejo por conhecimento era tão grande entre esses primeiros muçulmanos? Ninguém pode responder a essa pergunta completamente, mas devem ter havido muitas razões para esse forte desejo. Essas razões devem ter incluído as seguintes:

(a) Essas almas piedosas sabiam que o conhecimento de hadiths as levavam à prática do Profeta e, além disso, sabiam que seguindo seus passos se tornariam mais próximas de Deus.

(b) O Alcorão e o Profeta enfatizavam essas virtudes e importância de obter conhecimento. Deus diz:

"... Dize: Poderão, acaso, equiparar-se os sábios com os insipientes?..." (Alcorão 39:9)

Também:

"Os sábios, dentre os servos de Deus, só Ele temem..." (Alcorão 35:28)

Entre as muitas afirmações do Profeta sobre esse assunto estão:

"Quem quer que saia em busca de conhecimento, Deus lhe facilita o caminho para o Paraíso..." [36] (*Saheeh Muslim*)

O Profeta também disse:

"Quando o filho de Adão morre todas as suas boas ações chegam ao fim, exceto três: uma caridade perpétua, conhecimento benéfico [que ele deixou para trás e do qual as pessoas se

---

35 M. Z. Siddiqi, Hadeeth Literature: Its Origin, Development, Special Features and Criticism (Literatura de Hadith: Sua Origem, Desenvolvimento, Características Especiais e Criticismo) (Calcutá: Calcutta University Press, 1961), p. 48.
36 Saheeh Muslim.

beneficiaram] e um filho virtuoso que suplica por ele.” [37] (*Saheeh Muslim*)

Os primeiros estudiosos reconheciam a importância de obter conhecimento e também que nenhum conhecimento é melhor que o conhecimento sobre o Criador. Consequentemente, fizeram o máximo para aprender os ensinamentos de Seu Profeta.

Exemplos dos primeiros anos darão um retrato mais claro dessas viagens em busca de hadiths. Na realidade, entretanto, pode-se dizer que viajar em busca de hadiths começou durante a vida do próprio Profeta. Ou seja, mesmo naquela época, as pessoas vinham de fora de Medina para perguntar ao Profeta sobre assuntos específicos. Em alguns casos, vinham ao Profeta para verificar o que tinha sido relatado pelos representantes do Profeta. Em *al-Bukhari* e *Muslim* pode ser visto que outros Companheiros ficavam ansiosos por tal evento. Isso porque, como Anas afirmou, eram proibidos de fazer ao Profeta muitas perguntas então ficavam ansiosos pela chegada de um beduíno inteligente que viajava para chegar ao Profeta e perguntar-lhe questões específicas.

Os seguintes exemplos são de Companheiros que viajaram para verificar hadiths que eles próprios ouviram do Profeta. [38]

O Imame al-Bukhari registrou em seu *Sahih* que Jaabir ibn Abdullah viajou por um mês para obter um único hadith de Abdullah ibn Unais. Em uma versão registrada por al-Tabaraani ela afirma que Jabir disse: “Costumava ouvir um hadith sobre a autoridade do Profeta sobre retaliação, e quem narrou o hadith [diretamente do Profeta] estava no Egito. Então comprei um camelo e viajei para o Egito...” [39]

---

37 Saheeh Muslim.

38 Para mais exemplos ver Akram Dhiyaa Al-Umari, Buhooth fi Tareekh al-Sunnah al-Musharrifah (Beirute: Muassasah al-Risaalah, 1975), pp. 203f.

39 Ibn Hajar diz que essa versão tem uma boa cadeia. Cf., ibn Hajar, Fath al-Baari, vol. 1, p. 174.

O Companheiro Abu Ayub viajou até o Egito para perguntar a Uqba ibn Amr sobre um hadith. Ele disse a Uqba que somente ele e Uqba tinham ouvido aquele hadith em particular diretamente do Profeta. Depois de ouvir o hadith seu objetivo no Egito estava concluído e ele retornou para Medina.

Um dos Companheiros viajou para encontrar Fadhala ibn Ubaid e lhe disse que veio não para visitá-lo, mas somente para perguntar sobre um hadith que ambos tinham ouvido do Profeta e o Companheiro tinha esperança que Fadhala tivesse o fraseado completo do hadith. [40]

Das histórias dos Companheiros pode-se concluir que viajavam em busca de hadiths por basicamente duas razões:

(a) Para ouvir um hadith de um Companheiro referente a algo que não tiveram a honra de ouvir eles próprios diretamente do Profeta, aumentando dessa forma seu conhecimento de hadiths.

(b) Para confirmar o fraseado e/ou significado de um hadith que eles e outros Companheiros tinham ouvido diretamente do Mensageiro de Deus. Assim, mesmo os Companheiros estavam constantemente verificando e verificando e salvaguardando a pureza dos hadiths que narravam.

Na era dos alunos dos Companheiros (chamados "Sucessores"), o desejo e disposição de viajar apenas para ouvir ou confirmar um hadith do Profeta não diminuiu. Medina, tendo sido o lar do Profeta por muitos anos, o lar da Sunnah e a cidade onde muitos dos Companheiros residiam após a morte do Profeta, foi provavelmente o principal centro de atração, mas, de fato, qualquer lugar onde era sabido que um hadith em particular podia ser ouvido atraía "viajantes".

Muitos exemplos podem ser fornecidos. Al-Khateeb al-Baghdadi escreveu um trabalho inteiro sobre o assunto de viajar

40 Esse incidente foi registrado por Abu Dawood.

em busca de hadiths. Seu trabalho é intitulado *Al-Rihla fi Talab al-Hadeeth* ("Viagens em Busca de Hadiths"). O que torna esse trabalho ainda mais interessante é que ele não se refere simplesmente a estudiosos viajando para aprender hadiths. Isso foi feito por quase todos os estudiosos na história do Islã. De fato, se um estudioso não viajasse era usualmente visto como algo estranho, já que a norma era viajar. Entretanto, esse livro, como destacado pelo editor do trabalho Noor al-Deen Itr, é sobre viagens em busca de apenas um hadith e não de hadiths em geral! [41]

O que foi dito acima foi uma breve descrição de alguns dos meios importantes pelos quais Allah preservou a Sunnah do Profeta Muhammad, que a misericórdia e as bênçãos de Deus estejam sobre ele, de importância fundamental. Um dos aspectos importantes a destacar é que essas salvaguardas entraram em efeito virtualmente durante a vida do próprio Profeta. Não houve intervalo de tempo, deixando a porta aberta para uma perda maciça de informação ou para distorção.

Na afirmação a seguir, M. Z. Siddiqi fez um excelente trabalho resumindo a proteção da Sunnah nos primeiros anos:

Os Hadiths no sentido dos relatos dos ditos e atos de Muhammad têm sido assunto de busca ardente e estudo constante pelos muçulmanos em todo o mundo muçulmano desde o início da história do Islã até os tempos presentes. Durante a vida de Muhammad muitos dos Companheiros tentaram aprender de cor o que quer que ele dissesse e observaram atentamente o que quer que ele fizesse; e relataram essas coisas uns aos outros. Alguns deles escreveram o que ele disse em *Saheefah*s (pergaminhos) que foram posteriormente lidos por eles para seus alunos e foram preservados em suas famílias e também pelos Sucessores. Após a morte de Muhammad, quando seus Companheiros se espalharam em diversos países, alguns deles e também seus sucessores

41 Ver Noor al-Deen Sua introdução a al-Khateeb al-Baghdaadi, al-Rihlah fi Talab al-Hadeeth (Beirute: Daar al-Kutub al-Ilmiyyah, 1975), p. 10.

empreenderam viagens longas e árduas, enfrentando pobreza e penúria para coletá-los... Sua atividade notável com relação à preservação e propagação dos hadiths é única na história literária do mundo... [E a excelência de suas ciências permanece] sem paralelo na história literária do mundo ainda hoje. [42]

Foram esses processos que culminaram por fim nas ciências afinadas de hadiths e na graduação detalhada dos relatos rastreados até o Profeta. Em geral os estudiosos não aceitavam um relato como hadith autêntico a menos que pudesse ser verificado com uma cadeia completa feita somente de narradores seguros e confiáveis até o Profeta. Qualquer coisa menos que isso era rejeitada como um hadith fraco.

Quanto mais alguém prossegue no estudo da ciência dos hadiths, mais ele/ela se sentirá confortável com o sentimento de que os ensinamentos do Profeta Muhammad foram preservados nos mínimos detalhes, assim como Allah prometeu no Alcorão. Quando os estudiosos de hadiths – que são os especialistas no ramo e que passaram suas vidas dominando essa disciplina – concordam sobre a autenticidade de um hadith, não deve haver necessidade de debate ou questionamento. A única coisa que resta é acreditar nele e fazer o melhor para aplicar o significado do hadith em sua vida.

Comparação com Outras Escrituras

Ao se referirem aos hadiths do Profeta é comum alguns ocidentais usarem a palavra “tradição”. Isso imediatamente causa a impressão de um relato muito aleatório e sem sofisticação. A realidade, como aludido acima, é completamente diferente. Consequentemente, o uso dessa palavra “tradição” pode ser apenas uma cortina de fumaça para dar a impressão de que os hadiths não foram preservados. Outra descrição comum é uma referência à preservação dos hadiths como sendo semelhante a do Evangelho.

---

42 M. Z. Siddiqi, pp. 4-5.

Essa também é uma frase astuta que definitivamente tem conotações negativas para muitos. De fato, muitos convertidos estudaram o Evangelho e sabem o quanto ele não é confiável – sendo essa uma das razões porque começaram a buscar por outra religião fora do Cristianismo. Sendo assim, essa afirmação rapidamente abalará sua fé nos hadiths.

A realidade total é que nenhuma comparação honesta pode ser feita entre a preservação constante e científica dos hadiths do Profeta e a preservação das escrituras anteriores. Breves descrições da preservação – ou falta dela – das escrituras anteriores devem ser suficientes para contrastá-las com a preservação dos hadiths.

Após uma longa discussão da história do Torá, Dirks conclui:

O Torá recebido não é um documento único, unitário. É uma compilação de colagens... com formação de camadas adicionais...Embora Moisés, a pessoa que recebeu a revelação original, a quem o Torá supostamente representa, não tenha vivido depois do século 13 AC e provavelmente tenha vivido no século 15 AC, o Torá recebido data de uma época muito posterior. O trecho identificável mais antigo do Torá recebido, ou seja, J, não pode ser datado de antes do século 10 AC... Além disso, esses trechos diferentes não foram introduzidos no Torá recebido até aproximadamente 400 AC, o que seria aproximadamente 1.000 anos após a vida de Moisés. Ainda mais, o Torá recebido nunca foi totalmente padronizado, com pelo menos quatro textos diferentes existindo no primeiro século DC, aproximadamente 1.500 anos após a vida de Moisés. Adicionalmente, se adotarmos o texto masorético como o texto mais "oficial" do Torá recebido, então o manuscrito mais antigo existente data de cerca de 895 DC, que é aproximadamente 2.300 anos após a vida de Moisés. Em resumo, embora o Torá recebido possa conter algumas porções do Torá original, a origem do Torá recebido é interrompida,

vastamente desconhecida e não pode de forma alguma ser traçada até Moisés. [43]

Embora Jesus tenha vindo muitos séculos depois de Moisés, a revelação que ele recebeu não teve melhor sorte. Um grupo de eruditos cristãos conhecidos como Fellows of the Jesus Seminar (Membros do Seminário de Jesus) tentaram determinar quais ditos atribuídos a Jesus podem ser considerados autênticos. Eles afirmaram: "82% das palavras atribuídas a Jesus nos evangelhos não foram de fato ditas por ele." [44] Ao descrever a história dos evangelhos, ele escreveu: "A verdade é que a história dos evangelhos gregos, de sua criação no primeiro século até a descoberta de suas primeiras cópias no início do terceiro, permanece um território amplamente desconhecido e, consequentemente, não mapeado". [45] O trabalho de Bart Ehrman, The Orthodox Corruption of Scripture (A Corrupção Ortodoxa da Escritura, em tradução livre) identificou como a escritura foi mudada ao longo do tempo. Ele afirma sua tese, que ele prova com detalhes, na abertura: "A minha tese pode ser declarada de forma simples: escribas ocasionalmente alteraram as palavras de seus textos sagrados para fazê-los mais patentemente ortodoxos e prevenir o mau uso por cristãos que abraçavam opiniões aberrantes." [46] É como colocar a carroça antes dos bois: as crenças

---

43 Jerald F. Dirks, The Cross & the Crescent (A Cruz & o Crescente) (Beltsville, MD: Amana Publications, 2001), p. 53. Outras discussões importantes da autenticidade do Velho Testamento podem ser também encontradas no livro de Maurice Bucaille, The Bible, the Quran and Science (A Bíblia, o Alcorão e a Ciência) (Indianápolis, IN: American Trust Publications, 1978), pp. 1-43; M. M. Al-Azami, pp. 211-263.

44 Robert W. Funk, Roy W. Hoover e o Seminário de Jesus, The Five Gospels: What did Jesus Really Say? (Os Cinco Evangelhos: O que Jesus Realmente Disse?) (Nova Iorque: MacMillan Publishing Company, 1993), p. 5.

45 Funk, et al., p. 9.

46 Bart D. Ehrman, The Orthodox Corruption of Scripture: The Effect of Early Christologica l Controversies on the Text of the New Testament (A Corrupção Ortodoxa da Escritura: O Efeito das Primeiras Controvérsias Cristológicas sobre o Texto do

devem ser baseadas nos textos transmitidos, mas os textos não devem ser alterados para se adequar às crenças.

Uma Nota Final sobre o Alcorão

A natureza do Alcorão é muito diferente das afirmações e ações do Profeta. Obviamente, as afirmações e ações são muito maiores em número enquanto que o Alcorão é muito limitado em tamanho. O Alcorão, que não é um livro grande, também foi preservado na memória assim como na forma escrita desde a época do Profeta Muhammad. Muitos dos Companheiros do Profeta tinham memorizado o Alcorão inteiro e, temendo o que havia acontecido com as comunidades das religiões anteriores, eles adotaram as medidas necessárias para protegê-lo de qualquer forma de adulteração. Logo após a morte do Profeta o Alcorão foi todo compilado e pouco depois cópias oficiais foram enviadas a terras distantes, para assegurar que o texto fosse puro. Até hoje, pode-se viajar para qualquer parte do mundo, pegar uma cópia do Alcorão e constatar que ela é a mesma em todo o mundo. A tarefa de preservar o Alcorão não pode de fato ser comparada à tarefa de preservação do conjunto da Sunnah. Sendo assim, não surpreende, dada a atitude dos muçulmanos daquela época, que o Alcorão tenha sido detalhadamente preservado.

Novo Testamento) (Nova Iorque: Oxford University Press, 1993), p. xi.